

NOVO GOVERNO

Para que possa participar do Conselho de Administração do Banco do Brasil, novo presidente da instituição tem de ser nomeado até amanhã. Favorito é o atual diretor da área internacional. Presidente da Caixa também já está definido

EFEITOS DA QUEDA DO DÓLAR

É mais do que justificável a alegria do governo Lula com a redução dos preços do dólar. A moeda americana tem sido, nos últimos meses, a principal responsável pela volta da inflação. Com uma pressão menor sobre os preços, o país poderá voltar a sonhar com taxas de juros mais baixas, viabilizando a retomada do crescimento econômico. O dólar mais barato também possibilita ao governo pagar menos juros aos financiadores da dívida pública, sobrando mais dinheiro para investimentos nas áreas sociais. Entenda os efeitos imediatos da queda do dólar sobre a economia brasileira:

INFLAÇÃO — Os preços mais baixos do dólar vão reduzir, significativamente, as pressões por aumento de preços. A matéria-prima importada ficará mais barata, aliviando os custos das empresas. Os produtos importados ressurgem como armas do governo para derrubar os preços internos com a competição estrangeira.

ENERGIA E COMBUSTÍVEIS — Os índices mais baixos de inflação levarão a reajuste futuros menores das tarifas de energia. O IGP-M, que corrige as contas de luz, é o índice que mais reflete o comportamento do dólar. Como os preços da gasolina e do gás são dolarizados, se a moeda americana desvalorizar-se, não há necessidade de novos reajustes. Eventualmente, os preços podem até cair.

TAXA DE JUROS — A inflação em baixa abre espaço para a redução do custo do dinheiro. Os juros menores estimulam os investimentos na produção, permitindo a geração de mais emprego e o aumento da renda do trabalhador, que está em queda há quase três anos consecutivos.

DÍVIDA PÚBLICA — A cada ponto percentual de baixa do dólar, o endividamento do governo diminui 0,26 ponto percentual em relação do Produto Interno

Bruto (PIB). No ano passado, apenas por conta do dólar, a dívida aumentou mais de R\$ 150 bilhões. Segundo o BC, metade da dívida pública (interna e externa) é corrigida pela variação da moeda americana.

CREDIBILIDADE — A redução dos preços do dólar é um importante sinal de retomada da confiança dos investidores no país. Quanto maior for essa confiança, mais baratos ficarão os empréstimos do governo e das empresas no exterior. Nos piores momentos da crise de confiança, pouco antes do primeiro turno das últimas eleições presidenciais, os juros cobrados dos brasileiros chegaram a 24% ao ano, taxa equivalente a de países à beira do calote. O ideal é uma taxa inferior a 10% ao ano.

BALANÇO DA EMPRESAS — A maior parte das grandes empresas brasileiras endividadas no exterior poderá respirar mais aliviada com a queda do dólar. Além da redução dos custos de produção, as companhias serão beneficiadas com pagamentos menores de juros. Já há analistas apostando que algumas empresas, que estariam no vermelho, fecharão o primeiro trimestre deste ano com lucro se a queda do dólar se mantiver.



Balança em alta

Acordos comerciais firmados com o México e o Chile na gestão Fernando Henrique Cardoso podem elevar o superávit da balança comercial em US\$ 1 bilhão no primeiro ano do mandato do presidente Luiz Inácio Lula da

Silva. “São novas possibilidades, que ainda vão render resultados”, disse a secretária de Comércio Exterior, Lytha Spíndola, ao fazer a estimativa. O acordo com o Chile entrou em vigor no segundo semestre de 2002, enquanto o mexicano começou a vigorar no mês passado.

A primeira semana de janeiro registrou um superávit na balança comercial de US\$ 47 milhões.

Com apenas dois dias úteis, a semana contou com US\$ 289 milhões em exportações e US\$ 242 milhões em produtos importados. “Foi uma semana atípica, com uma quinta e uma sexta-feira depois de um feriado. Mas, mesmo assim, tivemos superávit”, afirmou Lytha.

A secretária disse que o comércio exterior deixou de ser “a menininha feia” para se trans-

formar em algo importante para o país. “A balança comercial foi a grande responsável pela reversão das expectativas e pela redução da vulnerabilidade do país neste ano”, afirmou.

Lytha fica no Desenvolvimento até que o ministro Luiz Fernando Furlan indique seu sucessor. Depois, vai para o Fundo Monetário Internacional prestar assessoria técnica. (Fernanda Nardelli)